

Licença

Autores que submetem seus manuscritos para serem publicados nesta revista concordam com os seguintes termos:

1. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.
2. Em virtude dos artigos aparecerem nesta revista de acesso público, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em aplicações educacionais e não-comerciais.



O Periódico Revista de Educação, Ciência e Cultura em <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao> foi licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial 3.0 Não Adaptada.

Fonte: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/10726> .
Acesso em: 01 jul. 2025.

Referência: LOUZADA, Etienne Baldez; SARAIVA, Márcia Denise Rodrigues Alves. Entre o brincar e o cuidar: as crianças no projeto ciranda infantil da LEDOC/FUP. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 28, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18316/recc.v28i2.10726>. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/10726>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Entre o brincar e o cuidar: as crianças no projeto ciranda infantil da LEDOC/FUP (BRASÍLIA, 2012-2022)

Between play and care: the children in the ciranda project of LEDOC/FUP
(BRASÍLIA, 2012-2022)

Etienne Baldez Louzada¹

Marcia Denise Rodrigues Alves Saraiva²

Resumo: No curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), do campus de Planaltina, da Universidade de Brasília, há um espaço reservado para acolher crianças filhas de estudantes. Este trabalho se volta para esse espaço, proposto por meio de um projeto de extensão denominado Projeto de Educação Infantil Ciranda, mas que, no plano das circulações acadêmicas e científicas, comparece como Ciranda Infantil da LEdoC ou da FUP (Faculdade UnB Planaltina). O escopo aqui é identificar, pelas práticas desenvolvidas com as crianças e para elas nesse espaço, como o cuidado e o brincar comparecem. O nome do projeto faz alusão à Ciranda Infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que tem uma pedagogia e organicidade coletiva que é específica do Movimento. Essa relação direta com a referida Ciranda aqui foi considerada como uma referência das práticas brincantes. Para tanto, tomou-se as propostas do referido projeto de extensão, ao longo da última década, cotejadas com as entrevistas e questionários que foram realizados com a coordenação do projeto, com professores da LEdoC, com estudantes que são mães de crianças que frequentaram o espaço e com estagiárias. Pautou-se em Bardin (2011) para a análise de conteúdo. É possível indicar que as crianças estão na Ciranda Infantil da LEdoC por uma necessidade de atender às mães e pais, evitando a não permanência no curso pelo motivo de não ter com quem deixá-las. O foco está nos bebês e crianças bem pequenas, ou seja, quanto menor a idade mais chance as crianças têm de ocupar uma das dez vagas disponíveis no projeto. Estando as crianças na Ciranda Infantil da LEdoC, o brincar perpassa as atividades ali praticadas com elas, todavia há uma distinção entre a responsabilidade de realização desses momentos brincantes com a função de cuidar dos pequenos.

Palavras-chave: Projeto de Extensão; Ciranda Infantil; Crianças; Brincar; Licenciatura em Educação do Campo.

Abstract: In the Licentiate in Rural Education course (LEdoC), at the Planaltina campus of the University of Brasília, there is a space reserved for the children of students. This work focuses on this space, proposed through an extension project called Childhood Education Ciranda Project, but which, in terms of academic and scientific circulations, appears as Children's Ciranda of LEdoC or FUP (UnB Planaltina Faculty). The scope here is to identify how care and play appear through the practices developed with and for the children in this space. The name of the project alludes

1 Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação no Acadêmico e no Mestrado profissional da Universidade de Brasília. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB) e do Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (GRUPHE-UnB). E-mail: <blb_etienne@hotmail.com>.

2 Possui graduação em Pedagogia (2007) pela Universidade Estadual do Piauí, especialista em Docência do Ensino Superior (2009) pela Faculdade Albert Einstein, especialista em Educação Especial Inclusiva (2014) pela União Educacional de Brasília e especialista em Psicopedagogia (2014) pela União Educacional de Brasília. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação UnB.

to the MST Children's Ciranda (MST), which has a pedagogy and collective organicity specific to the Movement. This direct relationship with the aforementioned Ciranda here was considered as a reference to the playing practices. To this end, the proposals of the referred extension project were taken, over the last decade, compared with the interviews and questionnaires carried out with the project coordination, with LEdoC teachers, with students who are mothers of children who attended the space, and with interns. It was based on Bardin (2011) for the content analysis. It is possible to indicate that the children are in the LEdoC Children's Ciranda due to a need to assist their mothers and fathers, avoiding not staying on the course because they have no one to leave them with. The focus is on babies and very young children, that is, the younger the age, the more chance children have of occupying one of the ten vacancies available in the project. When the children are in the LEdoC Children's Ciranda, playing permeates the activities practiced there with them, however, there is a distinction between the responsibility of carrying out these playing moments and the role of taking care of the little ones.

Keywords: Extension Project; Children's Ciranda; Children; Play; Degree in Rural Education.

Introdução

A criança é um sujeito histórico, social, que tem direitos e que, nas relações que trava com outras crianças e com os adultos, cria e interpreta a cultura. Tal entendimento tem sido cunhado pela História, Sociologia e Antropologia da Infância e comparece na legislação que se volta para a educação da primeira infância (SARMENTO, 2003; VEIGA, 2004; CONH, 2005; KRAMER, 2008; BRASIL, 2010; CORSARO, 2011; BNCC, 2018). E é nas práticas simbólicas, como na ação do brincar, que as crianças criam sentido para o mundo a sua volta, produzindo e interpretando a cultura. Como Conh (2005, p. 33) demarca, “a questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia”.

Dessa forma, olhar para o brincar, para as brincadeiras e para o brinquedo na relação com a criança, que vive o período de vida geracional que classificamos como infância, é identificar também os eixos indicados por Kramer (2008, p. 170-171) quando pontua que “a criança cria cultura, ela brinca – aqui reside sua singularidade; a criança é colecionadora, dá sentido ao mundo, produz história; a criança subverte a ordem – estabelece uma relação crítica com a tradição; a criança pertence a uma classe social”. Portanto, quando brinca a criança não está realizando “uma pura efusão de emoções, e nem tampouco uma cópia ou descrição da vida, mas uma atividade de criação de mundos, uma possibilidade de reorganização, ou melhor, de reelaboração da experiência” (BONDIOLI, 2007, p. 40).

E é com essa compreensão, ainda que resumida, sobre a criança e o brincar, que este estudo se volta para o Projeto de Educação Infantil Ciranda, do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), campus Planaltina, na Universidade de Brasília (UnB), com o intuito de identificar como são as práticas com as crianças de zero a três anos de idade no espaço de execução desse projeto. Destaca-se que a Licenciatura em Educação do Campo é um curso regular da UnB, que acontece no sistema de alternância, subdividindo-se em Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC). Tem como objetivo formar professores para as escolas do campo. A matriz curricular propõe uma estratégia Inter e Multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em áreas do conhecimento. O TU contempla a execução de atividades pedagógicas que buscam levar em conta a interdisciplinaridade, a questão ambiental, econômica, social e educativa da realidade do campo. A compreensão e o desenvolvimento da comunidade são a centralidade das ações pedagógicas do curso. O TU dura cerca de 55 dias, durante o qual

são realizados estudos que buscam a relação entre teoria e prática. No TC, os estudantes desenvolvem ações resultantes do planejamento de TU. Durante um semestre passam pela Faculdade UnB Planaltina (FUP) de duas a três turmas, também conhecida pelos estudantes e professores do curso como Etapa (UNB, 2018).

O projeto é apresentado no Catálogo de Programas e Projetos de Extensão (2018-2019) da Universidade de Brasília (UnB), com o objetivo de “oferecer o serviço de cuidado e recreação para os filhos e filhas do/as educando/as do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), durante as Etapas de Tempo Escola” (UNB, 2018b, p. 134). Além desse objetivo, informa-se no referido Catálogo que o projeto visa desenvolver atividades recreativas e educativas, como oficinas, jogos e lazer envolvendo os estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, de modo a possibilitar “práticas pedagógicas com experiência com as primeiras etapas do desenvolvimento humano” (UNB, 2018b, p. 134). O projeto teve seu início como extensão no ano de 2012, sendo renovado ao longo dos anos conforme a proposição da instituição, considerando as necessidades dos/das estudantes do curso, que são os (as) responsáveis pelas crianças atendidas.

Sendo um serviço de cuidado e recreação para os filhos e filhas do/as estudantes do Curso da LEdoC, o Projeto de Educação Infantil Ciranda ou Ciranda Infantil, como é chamado por todos os que com ele são envolvidos, constitui-se num espaço que garante às mães e aos pais estudantes um lugar onde seu filho (a) é acolhido e tem diversas atividades. Ao longo deste estudo identificamos o projeto de extensão pelo nome pelo qual é conhecido em estudos anteriores e na Universidade: Ciranda Infantil da LEdoC. Segundo Trindade (2011, p. 37), a Ciranda Infantil da LEdoC “é um espaço pedagógico inspirado na ciranda do MST que tem diferentes formas de organização: ciranda itinerante para crianças que acompanham as ações do MST, ciranda permanente, quando está organizada para atender um público fixo, dentre outras” (TRINDADE, 2011, p. 37). Pelo entendimento de estudos como o de Trindade (2011), o projeto de extensão aqui investigado tem como referência para o seu sentido constitutivo a Ciranda Infantil do MST.

A Ciranda Infantil do MST é um espaço educativo relacionado intrinsecamente ao MST, pautado pela ludicidade e pelas experiências vivenciadas pelas crianças enquanto Sem Terrinhas, onde elas podem exercer a identidade do coletivo infantil dentro do Movimento enquanto se relacionam, criam, criticam, imaginam, discutem valores, cooperam entre si e com os adultos de referência, utilizando de diferentes linguagens expressivas, como a dramatização, a música, a dança, a oralidade, entre outras. Como pontuam Freitas e Faria (2019, p. 4) sobre a Ciranda Infantil de um acampamento em São Paulo, nesse espaço são “elementos e memórias que se transformam em brincadeiras na Ciranda Infantil”, com as crianças participando da construção da realidade social. Rossetto (2009, p. 18) explica que existe um coletivo infantil, uma constituição de culturas infantis, onde “as crianças têm possibilidades de se apropriar dos elementos do processo histórico para a compreensão da realidade” em conjunto com educadores e educadoras desse processo no Movimento.

O escopo deste trabalho não é empreender em uma perspectiva comparada entre a Ciranda Infantil do MST e a Ciranda Infantil da LEdoC. Todavia, a primeira ciranda adentra a narrativa como elemento de diálogo trazido pelo próprio projeto de extensão que a referência com o mesmo nome e com a mesma nomenclatura para as educadoras voluntárias: cirandeiras. Sendo uma referência, como as práticas com as crianças da Ciranda Infantil da LEdoC se assemelham ou se diferenciam? São práticas permeadas pelo brincar, como na Ciranda Infantil do MST? Se sim, a intenção basilar – ter relação direta com a identidade e a cultura vivenciada pelas crianças camponesas – é a mesma? São perguntas que instigaram a pesquisa e possibilitaram a construção da presente interpretação.

Tomando o caminho metodológico que permitiu a construção deste trabalho, é pertinente informar que, quanto aos dados a pesquisa foi qualitativa, quanto a classificação ela foi descritiva, considerando que se partiu de um tema conhecido quando se pensa as ações infantis – vinculadas ao brincar – analisadas a partir do objeto de estudo que é específico – o projeto de extensão Ciranda Infantil da LEdoC – para um aprofundamento. Como instrumentos de pesquisa, este estudo utilizou de entrevistas individuais semiestruturadas – com a coordenadora do projeto, com um pedagogo que já atuou no referido e com duas estagiárias que também exerceram atividades com as crianças no espaço Ciranda Infantil da LEdoC – e de questionários, que foram respondidos por seis docentes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), sendo três mulheres e três homens, e por cinco mães de crianças que já frequentaram o espaço.

Ao todo, quinze pessoas fizeram parte da pesquisa e a escolha se deu pelos nomes que compareciam no documento do projeto, no caso de docentes, coordenadora e bolsistas; pela circulação do questionário entre professores da LEdoC e com a indicação de nomes de responsáveis pelas crianças que surgiram durante a entrevista semiestruturada com a coordenadora, o pedagogo e as estagiárias. É pertinente ressaltar que não houve a oferta do projeto Ciranda Infantil da LEdoC desde o início da pesquisa, em 2020. E isso pode ser entendido no confronto da ocorrência da pandemia de Covid-19, descoberta na China ao final de 2019 e que se alastrou rapidamente, afetando a população mundial. Nas visitas feitas no espaço onde acontecia o referido projeto, antes do período pandêmico, ao conversar com os pedagogos, monitores, pais de crianças e coordenadora, não se obteve clareza sobre a proposta pedagógica. A partir dessa ausência de informações específicas, a intenção primeira foi investigar como se deu a elaboração e o desenvolvimento da proposta pedagógica do Ciranda Infantil da LEdoC.

Além dos dados levantados por meio das entrevistas e questionários, o documento da proposta de ação do Projeto de Educação Infantil Ciranda também foi analisado e cotejado com as respostas e referenciais que tratam da Ciranda Infantil do MST, do projeto Ciranda Infantil da LEdoC e de Educação Infantil do Campo. Durante a análise de conteúdo considerou-se a técnica de Bardin (2011) como um grupo de estratégias de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Demarcado o caminho metodológico e a intenção central deste estudo – que são as práticas desenvolvidas com os bebês e crianças bem pequenas na Ciranda Infantil da LEdoC, considerando o binômio educar e cuidar, além dos eixos normatizadores interação e brincadeira (BRASIL, 2010) – o caminho se subdivide em duas seções. Na primeira, a intenção se volta para a apresentação do projeto Ciranda Infantil da LEdoC, e do próprio curso de Licenciatura em Educação do Campo no campus de Planaltina, UnB. As práticas brincantes comparecem na segunda seção, observadas e cotejadas com as práticas da Ciranda Infantil do MST. Entendendo que prática pedagógica, assim como explica Franco (2016), é uma ação organizada em torno de intencionalidades, do mesmo modo que na construção de práticas que certificam o sentido dado às intenções primeiras. Conforme a autora demarca, será uma ação pedagógica “à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados” (FRANCO, 2016, p. 536).

Uma Licenciatura, um projeto de extensão: as crianças na relação com as cirandas

Ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isto ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. “Somos programados, mas, para aprender”. A nossa inteligência se inventa e se

promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um a priori da nossa história individual e social (FREIRE, 2001, p. 50).

Inspirando-se na epígrafe de Paulo Freire (2001) sobre como nos tornamos individual e socialmente, adentra-se aqui na história das Cirandas Infantis do Brasil, uma vez que o projeto Ciranda Infantil da LEdoC se constitui tendo as Cirandas Infantis do MST como referência. Todos os seres humanos passam por processos de construção e de luta para se tornar aquilo que sonha ou deseja. Para alguns o caminho a ser trilhado exige um esforço maior do que para outros e o percurso não é o mesmo. Paulo Freire, por exemplo, “aprendeu a escrever e soletrar as primeiras palavras debaixo de um pé de mangueira, o seu lápis era um graveto e o seu caderno era o chão” (REVISTA SEM TERRINHA, 2021, p. 7).

O exemplo da alfabetização de Paulo Freire demonstra a realidade de muitas crianças, como aquelas que poderiam estar no MST e, por isso, indicada na revista específica, como também se distancia de outras realidades escolares, em prédios específicos. Mas a referência serve para demonstrar que também a Ciranda Infantil do MST não ‘nasceu’ pronta. Ela foi se constituindo à medida que o entendimento da sua existência era inevitável.

Para tratar de Ciranda Infantil no Brasil, antes, é preciso falar de luta. Das lutas dos Movimentos Sociais e, principalmente, da luta do MST, considerando que o Movimento tem seus ideais e uma identidade cultural ligada a eles. Nesse sentido, Gohn (2000) considera que, para definir movimento social é preciso estabelecer algumas diferenças, lembrando que:

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 2000, p. 13).

Partindo dessa premissa, o MST é um movimento social que levanta sua bandeira em prol da reforma agrária no Brasil. O referido movimento social teve sua origem na e da aglutinação dos movimentos dissidentes e/ou que faziam oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar (PELOSO, 2015). Conforme Fernandes (2000), o MST nasceu da ocupação da terra e tem nessa ação seu instrumento de luta contra a concentração fundiária e o próprio Estado. Aliadas às questões da reforma agrária, o Movimento luta, igualmente, por: cultura, saúde pública, combate à violência sexista, democratização da comunicação, desenvolvimento, diversidade étnica, sistema político e soberania nacional e popular. (MST, 2004).

Arenhart (2004) relembra que, no final da década de 1990, o Movimento percebeu a necessidade da sistematização da educação e acompanhamento das crianças pequenas de forma mais institucionalizada. A partir disso aconteceram algumas ações de organização de creches em assentamentos, refletindo os modelos das creches vinculadas aos sistemas municipais. A ideia central era a de uma creche como espaço de formação das pessoas e para a militância desde a primeira infância. Porém, há um ponto a considerar em relação as creches e as Cirandas Infantis. Elas se diferem uma da outra, por mais que a atividade de ambas seja parecida, “a proposta da Ciranda é diferente da creche, (...), ela pode existir independente da estrutura que se tenha” (MST, 2004, p. 38). Resumidamente, as Cirandas Infantis do MST são “espaços educativos intencionalmente planejados, nos quais as crianças aprendem, em movimento, a ocupar o seu lugar na

organização de que fazem parte. É muito mais que espaços físicos, são espaços de trocas, aprendizados e vivências coletivas (MST, 2004, p. 37).

Para o MST (2004), o cuidado com bebês requer uma estrutura física mais adequada, por outro lado, para reunir as crianças acima de dois anos, pode-se utilizar o espaço debaixo de uma árvore ou no barraco de lona com banquinhos improvisados. Acrescenta-se a isto, o fato de que a Ciranda Infantil ser uma atividade específica do MST, ou seja, não tem fins lucrativos e não recebe contribuições governamentais, portanto, a estrutura física, ou a falta dela, é um dos elementos que acabam distinguindo esse espaço de uma creche, sem contar o requisito da intencionalidade pedagógica, que é determinante para a função docente em uma creche.

Estar com as crianças de até doze anos em uma Ciranda Infantil do MST é estar com sujeitos que são partícipes de um ideal, que se constituem nas trocas realizadas de forma lúdica, que constroem sua identidade e sentimento de pertença, que experienciam com seus pares as várias linguagens, incluindo a política (ARENHART, 2007; ROSSETTO, 2009; ROSSETTO, SILVA, 2012; DALMAZ, SCARMOCIN, 2013). Carvalho, Tahan Filho e Silva (2018, p. 843), ao buscarem com as crianças de dez a doze anos os sentidos e significados da Ciranda Infantil, demonstram que elas, entre outras indicações, “caracterizam o espaço pela ludicidade, com destaque para atividades recreativas como: brincadeira, jogos, passeios, atividades culturais (teatro) e experimentações artísticas (dança, teatro e desenho)”. Como é possível visualizar pelo trabalho dos autores, as crianças são acolhidas pelo espaço lúdico e nele demonstram ações estratégicas, como de resistência, enfrentamento, criticidade, diálogos.

O nome Ciranda, faz referência a cultura popular, as danças, as brincadeiras de roda e também a dinâmica do próprio Movimento, ou seja, a força simbólica do círculo, da cooperação e da ação e reflexão, coletivas. Segundo Bihain (2001), o nome Ciranda Infantil não foi escolhido aleatoriamente, mas expressa aquilo que o MST sonhava para as crianças das áreas de assentamento e acampamentos no que diz respeito aos processos educativos para essa faixa etária. Bihain (2001) reforça que o nome Ciranda nos lembra criança em ação. Ação essa que ocorre na brincadeira coletiva. Não se trata apenas de brincar junto, uma vez que é um espaço de construção de relacionamentos por meio da interação afetiva, da solidariedade, da sociabilização, da amizade, da fraternidade, da linguagem, do conflito e do aprendizado.

Vertendo o foco para a Ciranda Infantil da LEdoC, no texto do Projeto Político Pedagógico do Curso (PPPC) de Licenciatura em Educação do Campo (UNB, 2018a), o nome Ciranda Infantil aparece onze vezes, fazendo referência ao projeto de extensão intitulado Projeto de Educação Infantil Ciranda. Sua primeira aparição no PPPC se dá atrelado às ações de ensino e pesquisa que são articuladas no curso. Ressalta-se que esse projeto faz parte exclusivamente do curso da LEdoC por se tratar de um projeto de extensão dessa Licenciatura na Universidade de Brasília e que, apesar de lidar com crianças que estariam na creche, devido a faixa etária de zero a três anos, é um espaço que não se constitui legalmente e institucionalmente como tal. Mas, é preciso salientar que em algumas universidades existem creches³ que são institucionalizadas e

3 É pertinente retomar as iniciativas de creches em Universidades, que permitem localizar um período no Brasil, na década de 1970, em que movimentos sociais, movimentos feministas, com suas lutas por direito a educação, reivindicaram a creche como espaço de educação e de qualidade nas práticas, não somente como depósito ou guarda de bebês e crianças bem pequenas. Rosemberg (1989) enfatiza que foi o movimento abrangendo homens e mulheres dentro de uma empresa, no local de trabalho, que definiu o começo da luta por creches no meio da Universidade. Refere-se ao início da história marcada pela luta de mulheres trabalhadoras, feministas e seus direitos. Moruzzi (2017) demarca que a constituição das creches se transformou num lema de luta dos trabalhadores das Universidades Federais. É claro que ao trazer essa temática não se tem a intenção de esgotar o assunto, muito menos aprofundar nesse contexto histórico das creches em instituições de ensino superior, mas fazer uma breve contextualização para efeito de entendimento do que se pratica dentro do projeto Educação Infantil Ciranda na

que fazem parte da educação infantil.

Seguindo em busca dos vestígios do projeto Ciranda Infantil da LEdoC por meio do PPPC (UNB, 2018a), é possível identificar a existência do alojamento estudantil, que tem por nome Dom Tomás Balduino, que foi construído visando garantir espaço para acolhimento dos estudantes durante o período de Tempo Universidade (TU). O espaço tem capacidade para receber cem estudantes, “contando com salas de estudo, espaço administrativo, Ciranda Infantil (...). Os quartos são coletivos e dispõem de infraestrutura básica para a permanência temporária dos estudantes, com geladeira, micro-ondas, mesa para estudos” (UNB, 2018a, p. 38).

Esse espaço foi criado com o intuito proporcionar aos estudantes (pais e mães), tanto o ingresso quanto a permanência no seu curso, pois entende-se que a separação dos filhos nesse momento acadêmico pode ser um impedimento de continuidade da sua formação inicial. Diante disso, uma professora, com o apoio da direção da Faculdade UnB Planaltina (FUP) e de outras professoras que tinham a mesma preocupação com a permanência dos estudantes, elaborou o projeto de extensão e adaptou uma sala de recreação dentro do alojamento para receber as crianças enquanto as mães estavam em aula.

No que concerne ao espaço Ciranda Infantil da LEdoC e ao desenvolvimento da criança que o frequenta, “num primeiro momento, o seu espaço é de vivência: compõe-se dos lugares onde brinca, passeia e dos objetos que aí existem e que ela utiliza. As relações espaciais se desenvolvem e se tornam mais complexas à medida que ela amplia seu espaço de ação” (LOPES, 2013, p. 287). Dessa forma, entende-se que esse espaço onde as crianças campesinas ficam no período em que seus pais estão estudando tem impacto sobre as suas vivências. O espaço do projeto de extensão Ciranda Infantil da LEdoC se configura como um auxílio aos pais/mães na viabilização de sua permanência no curso, uma vez que não existe separação de seus filhos, além de ser um espaço de acolhimento para os pequenos (UNB, 2018a).

Dentro dessa perspectiva, a Ciranda Infantil da LEdoC “visa desenvolver atividades recreativas e educativas, como oficinas, jogos e lazer envolvendo os estudantes da LEdoC, possibilitando práticas pedagógicas com experiência com as primeiras etapas do desenvolvimento humano” (UNB, 2014, p. 2). A justificativa desse projeto se dá porque o curso de Licenciatura em Educação do Campo recebe estudantes de Goiás, Minas Gerais, e do entorno do Distrito Federal, em sua maioria, os quais devem viajar a cada três meses, para permanecer na Universidade de Brasília durante cerca de 60 dias e este motivo dificulta o afastamento das mães das crianças pequenas por muito tempo (UNB, 2014).

No último vestibular⁴, foram oferecidas sessenta vagas para candidatos que residam no campo e pertençam aos estados de Goiás, Minas Gerais e o Distrito Federal. O curso tem um público-alvo bem

Universidade de Brasília, por ser uma instituição de nível superior, e por atender a crianças com a mesma faixa etária das que participam de creches universitárias. Segundo Palmen (2007), houve na Universidade de São Paulo, na década de 1970 um movimento de alguns funcionários, alunos e professores, uma procura por creche no espaço onde trabalhavam. Raupp (2002) pontua que a primeira creche federal, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi criada em 1972, por nome Creche Francesca Zácara e que, segundo a autora, foi um período apontado pela provocação intensa das contradições na sociedade brasileira, devido ao surgimento da ditadura militar. Contudo há divergência quanto ela ser a primeira creche, pois de acordo com Pereira (2019, p. 23): “há documentos e autores que afirmam que a primeira a ser criada foi a da Universidade Federal de São Paulo, em 1971”. Depois dessas creches, “fruto das lutas das reivindicações da comunidade universitária levaram à implantação de mais três unidades, 1976, 1978 e 1979, chegando-se ao final da década de 70 com cinco unidades funcionando” (RAUPP, 2002, p. 16). Segundo a mesma autora, na década de 1980 e 1990 as lutas se intensificaram esse número triplicou, chegando a 18 creches (RAUPP, 2002). Na pesquisa feita por Araújo *et al* (2020) comparece um total de 20 creches até o ano de 1998. Desde então não foi localizado outro trabalho com essa dimensão.

4 Segundo o EDITAL Nº 1 – UnB/EDUCAÇÃO DO CAMPO, DE 22 DE JUNHO DE 2022.

específico: moradores ou trabalhadores do campo que queiram trabalhar ou já trabalham como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, na gestão escolar ou comunitária. Um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os estudantes no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso, desde o primeiro semestre, os estudantes alternam o aprendizado entre a Universidade e a vida na comunidade.

Pensando na organização do curso, cada turma permanece na Universidade por duas etapas, o que corresponde a dois semestres. De acordo com Santos (2015), a proposta é que a Ciranda Infantil da LEdoC seja um espaço permanente na FUP e que ofereça a possibilidade e a continuidade dos estudos para os pais e, principalmente, para as mães estudantes, que tenham crianças pequenas. Nas duas últimas versões do projeto de extensão, a faixa etária das crianças é de 8 meses a 4 anos (UNB, 2017) e de 8 meses a 4 anos e 11 meses (UNB, 2021).

É interessante atentar-se para a faixa etária da obrigatoriedade de matrícula na Educação Infantil que já estava posta legalmente nas duas versões do projeto de extensão – de 2017 e de 2021 – uma vez que as crianças a partir de quatro anos de idade devem ser matriculadas na pré-escola (BRASIL, 2013). As crianças abaixo de quatro anos devem estar em creches ou entidades equivalentes, conforme disposto no Art. 30º, inciso I, da LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996). Da forma como foi apresentada a faixa etária das crianças no projeto Ciranda Infantil da LEdoC, ela poderia ferir o princípio legal da obrigatoriedade, uma vez que o projeto não é uma instituição de Educação Infantil da pré-escola. No máximo, diante da inscrição legal, ele é uma instituição equivalente a creche ou um espaço não escolar para recreação.

Quando explica a Ciranda Infantil da LEdoC, Santos (2019) reforça que a intenção do espaço é proporcionar aos estudantes da LEdoC, com filhos de até 6 anos, um local seguro para seus filhos e filhas, “preferivelmente em um espaço dentro da niversidade onde se possa manter as 22 crianças em atividades pedagógicas supervisionadas por cirandeiras (cuidadoras) das próprias comunidades de origem dos estudantes, enquanto acontecem as aulas do curso” (SANTOS, 2019, p. 21-22). Sobre o projeto Ciranda Infantil da LEdoC ser ou não um espaço de Educação Infantil formal, a coordenadora informa:

Então ele está no projeto como nome de educação infantil, porque, porque é, vamos dizer assim, foi esse o nome que foi dado inicialmente, mas no conteúdo do projeto está explicitado que não se trata de uma educação infantil. Se trata de uma recreação, que tem uma proposta educativa, que tem uma proposta pedagógica também, mas que, a princípio é uma recreação que é coordenada por professores e estudantes e com o auxílio de funcionários na medida do possível da UnB. Então é um projeto de extensão, por isso ele tem uma certa institucionalidade, né, mas ele não se pretende uma educação infantil e a responsabilidade dele está principalmente na mão das mães. As mães assinam um termo de responsabilidade dizendo eu trago meu filho, eu deixo meu filho aqui porque eu entendo que esse é um espaço que eu preciso que ele esteja no momento em que eu estou estudando, ele está perto de mim. Tem estudantes que ajudam a cuidar, tem, a gente teve estagiário durante a gente teve bolsistas, estagiários, em vários momentos diferentes (ENTREVISTA, 22/03/2022).

Pela explicação da coordenadora do projeto Ciranda Infantil da LEdoC, ele foi pensado para as crianças, mas pela necessidade das mães; e a gerência das atividades ali propostas às crianças também ficava muito ao encargo das mães, além dos (as) mencionados (as) estagiários (as). Na entrevista realizada com uma estagiária, que frequentou o projeto por oito meses no ano de 2018 e que era do curso de Ciências Naturais, quando foi perguntado sobre as práticas pedagógicas, é possível identificar a permanência das mães e dos pais, enquanto estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, no espaço:

Então assim, foi caótico esses meses aí, tipo, o que que eles faziam? O pessoal, os estudantes lá da LEdoC, eles revezavam cada um e aí ficava um horário com a gente na Ciranda para ajudar, porque era muita criança e só a gente para fazer tudo. Mas o que acontecia? Eles não podiam fazer nada aqui, por exemplo, alimentação, banho, troca de roupa, colocar para dormir. Isso quem tem que fazer era eu e a [outra estagiária]. Eles só brincavam com as crianças (ENTREVISTA ESTAGIÁRIA 1, 07/03/2022).

Observa-se uma diferença nas práticas. Enquanto as estagiárias tinham uma responsabilidade com o cuidar, os estudantes da LEdoC (pais e mães ou voluntários que ali não tinham filhos) acompanhavam as crianças nas brincadeiras, nas atividades recreativas. Não que as estagiárias não se envolvessem com esse tipo de atividade, mas não era essa a responsabilidade primeira delas. A coordenadora do projeto explica que antes dele contar com bolsistas, havia voluntários que eram trazidos pelas mães para cuidarem das crianças. “Era assim, solidariedade entre as mães era também coisa, coisa desse tipo, coisa que o MST faz muito, né?” E acrescenta que esses grupos de voluntários cuidavam das crianças enquanto as mães estavam em aula, realizando as seguintes atividades: “alimentar a criança, dar banho se precisar, brincar, ensinar alguma coisa” (ENTREVISTA, 22/03/2022).

Como explica Medeiros *et al* (2018), a Ciranda Infantil da LEdoC se concebe como um espaço de acolhimento e educação das crianças pequenas filhas e filhos das/dos estudantes do curso, visando a contribuição na formação das (os) estudantes da LEdoC, dessa forma, também oportuniza uma formação continuada às (aos) cirandeiros (os) enquanto realizam as atividades com as crianças. Os estudos que se voltaram para a Ciranda Infantil da LEdoC, ainda que com objetivos diversos, acabam apontando essa tríade entre o acolhimento das crianças com atividades pedagógicas, local para os (as) responsáveis poderem deixar os (as) filhos (as) e estudarem tranquilamente e espaço de formação das (os) cirandeiros (os), que são voluntárias (os) e das (os) bolsistas, muitas vezes de outros cursos da Universidade ou externos a ela. Para Santos (2015, p. 28), “a relevância maior da Ciranda Infantil é ofertar uma Educação Infantil voltada para as necessidades da infância do campo” (SANTOS, 2015, p. 28).

Na proposta do projeto de extensão Ciranda Infantil da LEdoC (UNB, 2017, p. 2) está descrito que “esse espaço de cuidado, educação e recreação infantil, Ciranda Infantil, além de ser uma conquista dos movimentos sociais é um direito garantido por lei conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil”. Com essa indicação e pela faixa etária das crianças atendidas - “de 8 meses a 4 anos” (UNB, 2017, p. 4) – é possível compreender que o projeto se insere na concepção legal de Educação Infantil⁵, portanto, no que concerne ao atendimento direcionado aos bebês e crianças bem pequenas na creche. Apresentando-se nessa relação com a primeira etapa e apontando “o reconhecimento da Educação Infantil do Campo, como algo a ser valorizado e conquistado em todas as suas dimensões” (UNB, 2017, p. 2), a proposta pedagógica do projeto deveria seguir com o determinado para as infâncias do campo:

Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais; Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis; Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças

5 Definição disposta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 12): Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

quanto à atividade econômica dessas populações; Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural; *Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade* (BRASIL, 2010, p. 24 – grifos nossos).

Portanto é um direito das crianças terem atendimento nesta etapa que se atente as singularidades e especificidades da Educação Infantil e, pensando as crianças camponesas, é um dever vencer a invisibilidade que muitas vezes a elas se impõe nas práticas pedagógicas, priorizando tanto ao acesso quanto a qualidade “do atendimento para os bebês e as crianças pequenas, ou em relação às suas identidades, bem como de apoiar às mulheres do campo no exercício da maternidade e dos demais direitos humanos” (GTI, 2013, p. 6). É para o último dever da proposta pedagógica, negritado na citação anterior, que a próxima seção se voltará.

Uma Licenciatura, um projeto de extensão: o brincar no centro das cirandas

Quando tratamos de infância e criança, uma característica que pode sobressaltar, no primeiro momento, é a capacidade que os pequenos têm de se relacionar pelo brincar. Todavia, essa experiência do brincar não é inata das crianças, ela é socialmente construída nas relações em que travam com seus pares e com os adultos ao seu redor. Como pontua Wajskop (2012, p. 31), “se a criança está imersa, desde o nascimento, em um contexto social que a identifica enquanto ser histórico e que pode por esta ser modificado é importante superar as teses biológicas e etiológicas da brincadeira que idealizam a criança e suas possibilidades educacionais”.

Dessa forma, quando se olha para o MST e o modo como eles veem as crianças – seres históricos e protagonistas também dentro do Movimento – é interessante se atentar para os modos como as crianças se relacionam na Ciranda Infantil do MST e, a partir disso, também considerar essas relações, ou indicações dela, dentro do projeto de extensão Ciranda Infantil da LEdoC por ter, desde o seu princípio, o entendimento de que esse se relaciona, nem que seja pelo nome, a Ciranda Infantil do MST.

Na Ciranda Infantil do MST as crianças estão imersas no coletivo, em uma pedagogia dos assentamentos que, como demarca Arenhart (2007, p. 60), “possibilita que mesmo passando a ser “com-terra”, os então assentados continuam assumindo a identidade Sem Terra, porque estão enraizados num projeto coletivo que busca transformações amplas na sociedade”. A autora transcreve a fala de Clauber, de 9 anos, que reforça: “aqui eu gosto de *brincar*, de *trabalhar*, de ter *amizades*” e a fala de uma mulher assentada que explica “eles brincam, trabalham, estão aprendendo a trabalhar, enquanto que se estivessem no individual, já fazia horas que estavam trabalhando”, se referindo às crianças de sete, oito anos, que no individual já têm que ir para a roça (ARENHART, 2007, p. 84).

Diante disso, é pertinente se atentar que “o sistema de produção cooperada no assentamento é o que possibilita às crianças aumentarem as oportunidades de brincar, de terem tempo livre, porque não precisam envolver-se tanto nos trabalhos de produção agropecuária” (ARENHART, 2007, p. 84). Como é possível observar, nesse rápido diálogo com a obra de Arenhart (2007), o brincar aparece como uma prática atrelada as crianças, uma ação que as fortalece dentro do Movimento como uma categoria geracional e que indica que, apesar de terem compromissos e ideais com a terra, assim como os adultos, elas têm uma dinâmica diversa que vem pelo brincar.

Brincar é uma tarefa, uma ocupação séria para a criança. É tudo tão verdadeiro, tão real para ela,

que ao utilizar um brinquedo, a criança coloca vida nele, atua dentro do espaço definido para realização de tal brincadeira. As crianças fazem do brinquedo um elo para seu imaginário, um meio pelo qual externam suas criações e suas emoções.

O fluir da imaginação criadora dá densidade, traz enigmas, comporta leituras mais profundas, manifestações efervescentes, ricas em significados. Assim, o brinquedo adquire especial relevância e passa a ser merecedor de consideração. É essa a sua seriedade (OLIVEIRA, 2010, p. 7).

Conforme Oliveira (2010), as crianças mostram que uma das maiores qualidades do brinquedo é a sua não seriedade. Para as crianças, o brinquedo não é severo e ríspido, porque permite a elas a fluidez de suas fantasias e imaginações. Com essa concepção, o brinquedo é visto como apoio da brincadeira, tendo uma dimensão material, cultural e técnica, relacionando-se diretamente com a criança. No relato da coordenadora, aponta-se a existência de brinquedos e jogos didáticos na Ciranda Infantil da LEdoC que, após três anos de existência do projeto, puderam ser alocados em móveis que chegaram junto a outros materiais e que permitiram uma reorganização do espaço, da materialidade, enfim, “das coisas das cirandeiras” (ENTREVISTA, 22/03/2022).

Já a estagiária relembra que uma vez um estudante da Licenciatura em Educação do Campo, que sempre passava pela Ciranda Infantil da LEdoC para ajudar como voluntário, levou um pula-pula e “as crianças amaram”; e informa ainda que “então, acaba que essa parte de brincadeiras e tal era mais quem fazia era o pessoal da LEdoC e a gente ficava mais com os cuidados das crianças. Pelo menos no meu turno. Não sei como que era no turno da [outra estagiária]. Agora, quando tinha menos crianças, aí dava para fazer mais” (ENTREVISTA ESTAGIÁRIA 1, 07/03/2022). Remeter ao “pessoal da LEdoC” é se remeter a estudantes que tinham relação com a educação do campo, sendo alguns deles professores e professoras, como é possível observar no Edital de ingresso do último vestibular (2022).

Dessa forma, contando pela formação de alguns voluntários, poderia existir uma intencionalidade pedagógica nas práticas ofertadas às crianças, atentando-se para o que Rocha (2001, p. 33) identifica como uma pedagogia da infância ou uma pedagogia da Educação Infantil, que “tenha como objeto a própria relação educacional-pedagógica, expressa nas ações intencionais” e que “envolvem além da dimensão cognitiva, repito, as dimensões expressiva, lúdica, criativa, afetivas, nutricional, médica, sexual etc.”. Todavia, a autora reforça: “mas fiquemos alertas. Por se referir a instituições educativas, toda Pedagogia da Educação Infantil traz à tona as velhas ambivalências: liberdade/subordinação, dependência/autonomia, atenção/controle, inerentes à relação infância e Pedagogia” (ROCHA, 2001, p. 33).

Dentre as respostas do questionário passado com as mães de crianças inseridas no projeto Ciranda Infantil da LEdoC, também é possível identificar uma percepção da importância das práticas desenvolvidas com as crianças, como a descrita pela Mãe 1: “As práticas exercidas de excelência para o desenvolvimento psicológico e motor das crianças” (QUESTIONÁRIO MÃE 1, 10/03/2022). Ou quando a Mãe 2, que também relembra sobre os espaços e as práticas desenvolvidas com as crianças, diz que essas eram “Correr, cuidar e brincar!” (QUESTIONÁRIO MÃE 2, 10/03/2022).

É admissível indicar que entre o que as mães identificam como desenvolvimento motor estão inclusas as brincadeiras diversas. Poder correr, se desenvolver mentalmente e socialmente enquanto brincam pode ser considerado como um ato de libertação pela criança, no sentido demarcado por Benjamin (2009). “Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio” (BENJAMIN, 2009, p. 85). Para Sarmiento (2003), as culturas

das crianças são formas de inteligibilidade, de expressão e de comunicação. Com esse entendimento, pode-se pensar que, enquanto correm e brincam não só estão postas ações físicas, mas diversas formas de se fazerem compreender e de criarem significados ao seu redor. Quando práticas dessas se realizam, pode ser compreendida a relação que muitos na Universidade e em trabalhos específicos, além das Propostas do projeto de extensão, fazem à Ciranda Infantil do MST. É possível aventar uma aproximação, ainda que não com a mesma identidade e objetivos.

Já a Mãe 3 indica que “as brincadeiras, lanches são lembranças ótimas” (QUESTIONÁRIO MÃE 3, 10/03/2022), o que permite verificar a relação das brincadeiras com o momento de alimentação, como o lanche, e indicar que são elementos centrais para as mães dentro do que elas apontariam como práticas desejáveis com suas crianças em um espaço em que elas, enquanto responsáveis, estão algumas vezes distantes, em aula. Naquilo que se escolhe lembrar ou que se relembra de forma rápida e pontual, como na fala da Mãe 3, o cuidado – por meio da alimentação – e o educar também com cuidado – por meio das brincadeiras – é o que a memória da mãe ressalta. Nesse sentido, é possível indicar o brincar atrelado a um elemento cultural central para a vida do ser humano, que é a alimentação.

Brougère (2002) destaca que “quem brinca se serve de elementos culturais heterogêneos para construir sua própria cultura lúdica com significações individualizadas” (BROUGÈRE, 2002, p. 32). E com esse modo a criança se constitui também na sua forma de ser e de se produzir como sujeito na sociedade que vive. De acordo com Dornelles (2012), “a criança carrega consigo uma cultura, concebida simbolicamente na imersão das vivências experimentadas em sua comunidade, da qual fará uso ao longo de sua vida” (DORNELLES, 2012, p. 80). De forma semelhante, Sarmento (2007) explica “que as crianças incorporam, interpretam e reconstróem continuamente informações culturais, constituídas por valores, normas sociais, ideias, crenças e representações (que fazem parte) dos artefatos culturais” (SARMENTO, 2007, p. 36).

Pensando os espaços e as práticas exercidas com as crianças no projeto Ciranda Infantil da LEdoC, a Mãe 4 ressalta que elas eram “contar história, mutirão dos estudantes para fabricar brinquedos educativos para as crianças, as contações de histórias mantiveram mesmo na pandemia por meio de um grupo de *WhatsApp* com histórias gravadas” (QUESTIONÁRIO MÃE 4, 10/12/2022). Essa fala remete à participação do adulto na relação com o brincar ou com aquilo que ele aponta como essencial para as crianças: o brincar, por meio do brinquedo confeccionado, e a imaginação, por meio da contação de história. Além da importância de que se continue, mesmo remotamente, durante a pandemia da Covid-19. Isso pode indicar que o projeto de extensão, Ciranda Infantil da LEdoC, atinge uma territorialidade externa ao espaço físico da Universidade.

Brougère (1998) diz sobre a escolha do brinquedo pelos adultos, que eles “integram as representações que os adultos fazem das crianças, bem como os conhecimentos sobre a criança disponíveis numa determinada época” (BROUGÈRE, 1998, p. 29). Ao conceber brinquedos para as crianças, Benjamin expõe: “os adultos estão na verdade interpretando ao seu modo a sensibilidade infantil” (BENJAMIN, 2009, p. 92). Com Kishimoto (2003) identifica-se que o brinquedo traz com ele o desejo e a percepção do sujeito que o constrói, escolhe, fornece, cria ou fabrica, aliado às lembranças de sua infância. Por essas razões, os brinquedos sempre trazem uma conotação infantil, de acordo com cada época, bem como referências à infância de adultos criativos, introduzindo imagens que diferem de acordo com sua cultura. Confeccionar brinquedos para as crianças ou com elas seria como representar essa importância do brinquedo para o tempo da infância, na Ciranda Infantil da LEdoC.

Quando se atenta para as práticas na Ciranda Infantil da LEdoC, a Mãe 5 só escreve: “muitas brincadeiras” (QUESTIONÁRIO MÃE 5, 11/12/2022) e não detalha em nenhum momento quais são essas brincadeiras, ou os materiais utilizados, enfim, a sua resposta curta não permite que se adentre ao que se entendia como brincar com as crianças, pelo menos pelo viés da percepção das mães. Todavia, os pais também eram presentes. Como informa a estagiária, “os pais frequentavam muito a Ciranda”; “eles vinham muito nos horários de troca”; “muitos casais que estudavam na LEdoC se revezavam, porque nem era justo que fosse todo dia uma mãe pegar um turno, ela perde uma hora de aula, então não dava” (ENTREVISTA ESTAGIÁRIA 1, 07/03/2022). Além de estarem presentes, “os pais iam muito na hora das brincadeiras e eles davam muita atenção para as crianças” (ENTREVISTA ESTAGIÁRIA 1, 07/03/2022). É importante quando o brincar não é entendido como algo de um gênero só que, por ser mulher, tem uma função inerente maternal e com isso saberia como estar com bebês e crianças bem pequenas.

Entre os nove objetivos específicos do projeto de extensão Ciranda Infantil da LEdoC está o de “elaboração de novas práticas pedagógicas que envolvam o resgate das diversas culturas e conteúdos regionais, trazidos pelos pais e educandos da Licenciatura em Educação do Campo”, além de “realizar atividades recreativas e educativas, contribuindo para a formação dos educandos da Licenciatura em Educação do Campo e as crianças presentes no curso” (UNB, 2017, p. 5). Por meio do cotejamento das propostas do projeto de extensão com as falas da coordenadora, das mães e da estagiária aqui presentes, é possível indicar que a presença dos responsáveis pelas crianças – as mães e os pais – podem ter proporcionado, por meio do brincar, o resgate das culturas enquanto se dava a própria formação como estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

Considerações Finais

“Ocupar a Terra não basta, é preciso garantir as condições para que se permaneça nela. Ocupar uma vaga nos bancos da universidade não basta, é preciso garantir as condições para que se possa permanecer nela” (UNB, 2021, p. 3). O trecho em questão está na proposta do projeto de extensão Ciranda Infantil da LEdoC, ao final da fundamentação teórica. Estar na Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade de Brasília, campus Planaltina, não seria uma garantia de permanência, principalmente se considerar as dificuldades de pais e mães de bebês e crianças bem pequenas em estudar se mantendo longe dos seus filhos. O projeto Ciranda Infantil da LEdoC seria um elemento possibilitador da permanência desses estudantes, entre outras iniciativas existentes na Universidade.

Essa característica também aparece na proposta do projeto de extensão de 2017, entre os objetivos específicos, quando se pontua que a intenção é “desenvolver pesquisa sobre Educação Infantil e a formação de professores em educação do campo; sobre a importância da CIRANDA INFANTIL para a permanência da evasão” (UNB, 2017, p. 5). Todavia, não há dados ainda se a relação entre evasão e atendimento no projeto pôde ser observada pelas suas proponentes e coordenadora ao longo dessa década, principalmente considerando que, pelo espaço disponibilizado para a Ciranda Infantil da LEdoC, o máximo de crianças atendidas chegava a dez, devido ao espaço físico da sala que é disponibilizada para o projeto. A coordenadora explica o critério para estar a criança nesse espaço:

A gente vai pegando as menores quando chega a dez a gente diz: não temos mais condições. Aí a mãe leva a criança pra sala de aula porque essa mãe não tem mesmo onde deixar. Aconteceu diversas situações assim da mãe deixar na sala de aula e quando alguma mãe sai aí a gente bota

essa criança dentro da Ciranda (ENTREVISTA, 22/03/2022).

Então, a primeira condição da criança frequentar esse espaço é pelo direito de estar ali enquanto filha ou filho de estudante. A segunda condição se dá pela idade, pois, quanto menor for, mais chances tem a criança de estar entre as dez selecionadas. A partir de sua presença, as outras condições postas são dadas pelas práticas voltadas para o cuidado, perpassadas pelo que o projeto identifica como recreação.

Voltando o olhar para como são as práticas com as crianças de zero a três anos de idade no espaço de execução desse projeto – lembrando que são crianças de idades diversas e estando unidas pela condição de filhas e pelo cuidado e recreação – é pertinente ressaltar que o brincar pode ser considerado espaço privilegiado para a construção das culturas de pares; é por meio dele que as crianças se envolvem em um processo de reprodução interpretativa das experiências de suas vidas reais (CORSARO, 2002). Estar na Ciranda Infantil da LEdoC, e não na sala de aula acompanhando os seus pais e suas mães, é um diferenciador para as multiplicidades de interações e brincadeiras, de uso de linguagens diferenciadas, de possibilidades de interpretação e constituição de cultura. Com todas as dificuldades que a Ciranda Infantil da LEdoC tem enfrentado ao longo da última década – de espaço físico; materialidade; formação de equipe por meio de edital de bolsistas; pandemia da Covid 19 que paralisou as ações; entendimento sobre as práticas com bebês e crianças pequenas, que devem considerar o binômio educar e cuidar como indissociáveis; além da interação e brincadeira como eixo norteador – ela ainda se constitui como um espaço mais propício à práticas educativas com os pequenos do que estarem eles em casa ou em sala de aula acompanhando seus responsáveis.

Considerando a relação da Ciranda Infantil da LEdoC com a Ciranda Infantil do MST, é possível aferir que, apesar das duas terem práticas lúdicas como base, a primeira tem o sustento de suas práticas no cuidado e acolhimento das crianças, enquanto a segunda tem uma identidade que acompanha o Movimento, portanto, o brincar tem uma ligação direta com o que as crianças vivenciam com suas famílias. A coordenadora da Ciranda Infantil da LEdoC enfatiza que a primeira diferença entre as cirandas é institucional – na Universidade são as “relações institucionais que atravessam a ciranda”, ou seja, não há como pensar um formato identitário, físico, material que não seja perpassado por demandas e exigências maiores – e que a segunda diferença é social – pois o MST “se organiza por uma demanda, uma luta, uma Bandeira, reivindica ações porque tá sempre em processo de auto-organização” e que a auto-organização dentro do Movimento “é a base central, é a espinha dorsal do seu processo” e, como tal, “ela [Ciranda Infantil do MST] tem sempre pessoas voluntárias pra ficar cuidando temporariamente das crianças” (ENTREVISTA, 22/03/2022).

O brincar ocorre na Ciranda Infantil da LEdoC quase como uma marca identitária do que se entende como essencial de ser realizado com as crianças na primeira infância, ainda que seus direcionamentos dependam da coordenação do projeto às estagiárias e estagiários, que não são do curso de Pedagogia da UnB, por exemplo, e que, portanto, não estão olhando em seus cursos para uma Pedagogia da Infância nas práticas na Educação Infantil. Há uma constância do brincar no projeto e uma preocupação com a sua existência por meio de brincadeiras, brinquedos e jogos.

Para que sejam as práticas efetivadas como dispostas nos objetivos do projeto Ciranda Infantil da LEdoC, talvez seja necessário pensar uma relação maior entre os cursos da Universidade que possam colaborar com estagiários nesse espaço e, conseqüentemente, com a teoria que se emprega na prática do estágio. Tal possibilidade advém da reflexão feita pela coordenadora: “a Universidade não está organizada

para atender a LEdoC. A universidade institucionalizou a Ciranda através do projeto de extensão”. Ela complementa: “acolheu a Ciranda através do projeto de extensão e disponibiliza os seus próprios recursos na medida do possível para ajudar” (ENTREVISTA, 22/03/2022). Nesse sentido, ainda precisa discutir na Universidade como manter e ampliar a Ciranda Infantil da LEdoC. Mas isso fica para um estudo futuro.

Referências

- ARAÚJO, S. B.; PIRES, E. D. P. B.; RIBAS, G. F.; SILVA, S. S.; MELO, M. O.; RIBEIRO, R. M. Creches universitárias seu contexto histórico. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 61357-61370, 2020.
- ARENHART, D. A Educação Infantil em Movimento: as experiências da Ciranda Infantil no MST. Rev. **Pró-Posições**, v. 15. N. I (43) – jan./abr., 2004. p. 175-189.
- ARENHART, D. **Infância, educação e MST: quando as crianças ocupam a cena**. Chapecó, RS: Argos, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENJAMIN, W. 1892-1940. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009 (2ª Edição). 176 p. (Coleção Espírito Crítico)
- BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas Sul Ltda, 1998.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002. p. 19- 32.
- BIHAIN, N. M. A trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar. **Dissertação** (Mestrado). Orientadora: Carmem Maria Craidy. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PA, 2001.
- BONDIOLI, A. A criança, o adulto e o jogo. In: SOUZA, G. **A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Diário Oficial da União - Seção 1, Página 1- 5/4/2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Brasília: 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARVALHO, R.; TAHAN FILHO, W.; SILVA, A. A ciranda infantil na visão de crianças de um assentamento rural vinculado ao MST. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 834-854, dez. 2018.
- CONH, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORSARO, W. A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz de conta” das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 17, p. 113-134, 2002.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.
- DALMAZ, D. S. S.; SCARMOCIN, D. A ciranda infantil do Movimento Sem-Terra no Brasil: formação política na infância. In: **Anais Sifedoc – Seminário Regional e Fórum de Educação do Campo; 1 Seminário Regional de Educação do Campo**, (Vol. 1), Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 2013.

- DORNELLES, L. V. Artefatos culturais: ciberinfâncias e crianças zappiens. In: DORNELLES, L. V.; BUJES, M. I. E. (Org.). **Educação e infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 79-103.
- ENTREVISTA. Acervo da Pesquisa. Entrevista realizada pelo Microsoft Teams com a Coordenadora do Projeto de Educação Infantil Ciranda. Em 20 de março de 2022.
- ENTREVISTA ESTAGIÁRIA 1. Acervo da Pesquisa. Entrevista realizada pelo Microsoft Teams com a Estagiária 1 do Projeto de Educação Infantil Ciranda. Em 7 de março de 2022.
- FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, p. 534-551, 2016.
- FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23). 5. ed., São Paulo, Cortez, 2001.
- FREITAS, F. A.; FARIA, A. L. G. de. A luta pela terra e experiência de infância em um acampamento de reforma agrária. **Educação**, n. 44, 2019.
- GOHN, M. da G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 1, p. 11-40, 2000.
- GTI. Grupo de Trabalho Interinstitucional. Educação infantil do campo: proposta para a expansão da política. Portaria Interministerial, n. 6, 2013.
- KISHIMOTO, T. M. O jogo e a brincadeira. **Perspectiva**, Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, p. 105-128, 2003.
- KRAMER, S. Crianças e adultos em diferentes contextos. Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. de. **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, 2013.
- MEDEIROS, M. O.; WOLFF, E. A.; OLIVEIRA, J.; SANTOS, E. M.; FRANÇA, P. H. D. de. Educação Infantil como Direito das Crianças e das Mulheres Camponesas: Um olhar a partir da Ciranda da LEdoC/UnB. In: TRINDADE, D. R. da; CARVALHO, L. L. de; MEDEIROS, M. O. de; SILVA, P. T. da. (Org.). **Sujeitos do Campo em Movimento: direitos, resistências e práticas formativas**. v. 1. Curitiba, PR: CRV, 2018.
- MORUZZI, A. B.; DA SILVA, B. N. B. A educação infantil nas universidades federais frente à Resolução CNE/CEB nº 1 de 2011. **Educação em Perspectiva**, v. 8, n. 1, 2017. p. 139-155.
- MST. Educação Infantil: Movimento da vida, Dança do Aprender. **Caderno de Educação**, São Paulo: MST, nº. 12, novembro 2004.
- OLIVEIRA, P. S. **O que é brinquedo**. 3. ed., 2010, São Paulo: Brasiliense.
- PALMEN, S. H. de C. A constituição das creches nas universidades públicas estaduais paulistas e os direitos sociais da mulher e da criança pequena. **Pro-Posições**, v. 18, n. 3, p. 230-244, 2007.
- PELOSO, F. C. Infância do e no campo: um retrato dos estudos pedagógicos nacionais. **Tese** (Doutorado). Orientadora: Roseli Rodrigues de Mello. Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, SP, 2015.
- PEREIRA, J. L. Trajetórias, Desafios e Perspectivas das Unidades de Educação Infantil das Universidades Federais: Uma Reflexão à Universidade de Brasília. **Dissertação** (Mestrado). Orientadora: Maria Fernanda Farah Cavaton. Programa de Pós-Graduação em Educação - Modalidade Mestrado Profissional, Brasília, DF, 2019.

QUESTIONÁRIO MÃE 1. Acervo da Pesquisa. Questionário. Formatado no *Google Forms*, enviado *online* e respondido em 10 de março de 2022.

QUESTIONÁRIO MÃE 2. Acervo da Pesquisa. Questionário. Formatado no *Google Forms*, enviado *online* e respondido em 10 de março de 2022.

QUESTIONÁRIO MÃE 3. Acervo da Pesquisa. Questionário. Formatado no *Google Forms*, enviado *online* e respondido em 10 de março de 2022.

QUESTIONÁRIO MÃE 4. Acervo da Pesquisa. Questionário. Formatado no *Google Forms*, enviado *online* e respondido em 10 de dezembro de 2022.

QUESTIONÁRIO MÃE 5. Acervo da Pesquisa. Questionário. Formatado no *Google Forms*, enviado *online* e respondido em 11 de dezembro de 2022.

RAUPP, M. D. **A educação infantil nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas**. 2002.

REVISTA SEM TERRINHA. **Viva Paulo Freire!** Um Educador do Povo! Outubro de 2021. Disponível em: <<https://mst.org.br/especiais/jornada-nacional-viva-paulo-freire/>>. Acesso dez. 2022.

ROCHA, A. C. A pedagogia e a educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, nº16, Jan/Fev/Mar/Abr, 2001.

ROSEMBERG, F. **Creche**. São Paulo: Cortez, Fundação Carlos Chagas, 1989.

ROSSETTO, E. R. A. Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem-terrinha no MST. **Dissertação** (Mestrado). Orientadora: Ana Lúcia Goulart de Faria. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2009.

ROSSETTO, E. R. A.; SILVA, F. T. Ciranda infantil. In: CALDART, R.; *et al.* (Orgs.), **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2012. p. 127-130.

SANTOS, N. M. C. dos. **Ciranda Infantil e a Formação de Educadores do Campo: a experiência da UnB Planaltina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília, Planaltina, DF, 2015.

SANTOS, C. R. dos. Desafios de acesso e permanência no ensino superior das mães na LeDoc UnB. **TCC** (Licenciatura em Educação do Campo). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

SARMENTO, S. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.12, n.21, p. 51-59, jul./dez., 2003.

SARMENTO, M. J. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, L. V. **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TRINDADE, D. R. da. O potencial da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília para a produção de ações contra-hegemônicas: Um estudo de caso no Assentamento Itaúna em Planaltina de Goiás. 2011.

UNB. Projeto de Educação Infantil Ciranda. Emissão em 18 de maio de 2017. Proposta de Ação de Extensão nº 53986. Sistema de Extensão, Universidade de Brasília, DF, 2014.

UNB. Projeto de Extensão Ciranda Infantil LEdoC. Emissão em 5 de setembro de 2017. Proposta de Ação de Extensão nº 58457. Sistema de Extensão, Universidade de Brasília, DF, 2017.

UNB. Projeto de Extensão Educação Ciranda Infantil. Emissão em 7 de março de 2022. Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. Dados da Ação de Extensão Código PJ373-2021. Universidade de Brasília, DF, 2021.

UNB. Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo. Faculdade UnB Planaltina. Brasília, DF: 2018a.

UNB. Catálogo de Programas e Projetos de Extensão (2018-2019). Decanato de Extensão, Universidade de Brasília, DF, 2018b.

UNB. Vestibular para o ingresso no curso de graduação – Licenciatura em Educação do Campo. Edital Nº 1 – UnB/EDUCAÇÃO DO CAMPO, de 22 de junho de 2022.

VEIGA, C. G. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, L. (org). **A infância e sua educação**: materialidades, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WAJSKOP, G. **Brincar na educação infantil**: uma história que se repete. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Submetido em: 30/12/2022.

Aceito em: 10/05/2023.